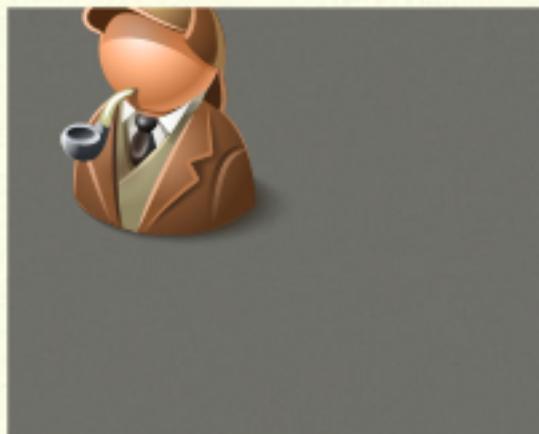


A black silhouette of Sherlock Holmes, shown in profile facing right. He is wearing his iconic deerstalker hat and a long, dark coat. He is holding a magnifying glass in his right hand, positioned near his eye as if he is examining something. The background is white, and the silhouette is solid black.

Sherlock Holmes
e o enigma das cuecas

Por: Arthur Filipe



O enigma das cuecas

Um agitado sujeito bate na porta do apartamento 221 B da Baker Street. Seu nome é Douglas Heston e ele tem uma estranha história para contar. "Tudo começou com vinte cuecas", diz ele, "e a cada dia o número delas diminuía". Quando só sobravam duas cuecas, o ladrão roubou uma e deixou um bilhete com uma ameaça: "Na próxima, você morre". Um intrincado caso, que somente o famoso detetive Sherlock Holmes será capaz de resolver.

Fazia um frio daqueles, como sempre é bem comum de acontecer em Londres. As ruas estavam cobertas de gelo e as pessoas que por elas andavam pareciam um bocado de fantasmas. Mas, ainda bem que dentro de casa tudo estava tranquilo, e eu me aquecia próximo à lareira enquanto lia um jornal e tomava um cafezinho preparado pela senhora Hudson. Enquanto isso, meu amigo Sherlock Holmes estava sentado (como sempre) em sua poltrona predileta, e vestia seu tradicional roupão enquanto lia um jornal e fumava seu cachimbo. A fumaça produzida como resultado do fumo se espalhava por toda a sala em anéis concêntricos, e a maior parte dela vinha direto para meu rosto, fazendo-me tossir. Quando percebi que meu amigo fazia isso propositadamente, já ia fazer um protesto, quando ele, encarando-me com seu arguto olhar, assim me disse com sarcasmo na voz:

- Elementar, meu caro Watson.

- Ora essa, Holmes, - eu lhe disse sem compreender - mas eu não disse nada agora!

- Nem precisava ter dito, - disse-me Holmes - eu o conheço o suficiente para ler seus pensamentos.

- Ler o meu pensamento? - falei, consternado - Era só o que me faltava agora! Tenho certeza que você não faz ideia do que estava em minha mente!



- Se eu fosse você não diria isso com tanta segurança - disse Sherlock com uma pitada de ironia na voz. - A propósito, eu não acho que sua esposa realmente esteja doente.

- Ué, - falei confusamente - como você sabia que...

- Fatos, Watson, fatos, nada além deles e é tudo.

- Então peço por gentileza que me conte como foi que descobriu, - insisti - do contrário começarei a pensar que meu amigo é um vidente!

- Ora, não seja exagerado, Watson. Tenho certeza de que se eu lhe contasse tudo você veria que meus raciocínios são tão simples quanto uma brincadeira de criança.

- Mesmo assim, peço que me conte.

- Tudo bem, então vamos lá. Primeiro é importante que eu ressalte que você é um livro aberto para mim, Watson. Portanto, assim que você entrou, seu semblante estava agitado, como se algo o preocupasse. Em questão de segundos, levantei uma pergunta e também a respondi: O que poderia preocupar um médico que tirou uma folga do trabalho? Resposta: Um paciente. No entanto, como você está de folga, achei pouco provável que se tratasse de um paciente comum. Estava, pois, mais do que óbvio que sua esposa era a paciente.

- Até aí tudo bem, mas como você sabia que eu estava de folga?

- Ora essa, Watson, hoje é dia de ação de graças!

- Você tem razão, - ri de meu próprio desligamento - mas você ainda não explicou por que acha que minha Mary não está doente, enquanto eu próprio verifiquei que sua temperatura estava bem acima para os padrões de uma pessoa saudável!

- A resposta está no cocô do Frank - respondeu-me Holmes calmamente.

- Cocô do... Meu Deus, Holmes, o que você está dizendo?! Como sabe que estamos criando um cachorrinho e que o nome dele é Frank? E como sabe da briga que tive com Mary por causa do cocô dele?

Apontando o indicador para meu companheiro, assim eu lhe disse com medo:

- Holmes, estou lhe dizendo, isso é feitiçaria!

- Watson, as evidências não mentem!

- Sim, Holmes, mas eu não lhe disse nada sobre o Frank, muito menos sobre o cocô do Frank, e ainda não sei como isso pode ter relação com a possível doença da Mary!

- Vamos com calma, Watson, com tantas perguntas assim você me deixa tonto. Como diria Jack, o extirpador, vamos por partes.

"Primeiro, logo que você chegou, senti em sua roupa o cheiro característico de um filhote de cachorro. Ora, esse cheiro poderia não significar nada para mim se eu não visse que em sua roupa havia evidências de pelos de cachorro. Concluí assim que você criava um, e, como ainda não me falara dele na última vez que nos falamos, ou seja,



no mês passado, logo tive certeza de que você o criava há pouco tempo.

"Certa vez você próprio me disse que se um dia viesse a ter um cachorro de estimação, o chamaria de Frank em homenagem ao cientista Frankenstein, de Mary Shelley, de quem você é fã número 1. Daí, não tive dúvidas de que o nome dele era Frank, embora ao mesmo tempo tudo não passou de um chute, bem acertado pelo visto.

"Sei muito bem o quanto você detesta limpar cocô de cachorro, e eu mesmo que o diga, pois você nunca limpava o cocô do cachorrinho que criávamos quando morávamos juntos. Por isso, não foi difícil deduzir que, mais cedo ou mais tarde, você encontraria uma baita encrenca com sua esposa simplesmente por sua preguiça de limpar o cocô do Frank. Assim que você entrou com seu semblante de preocupação, tive certeza de que tudo ocorrera hoje, que você discutira com sua mulher, e que de certa forma viera para cá com o intuito de fugir da bronca que ela estava lhe dando.

"E quando você a viu furiosa, recorreu logo aos seus instintos de médico e deduziu que a pobre mulher estivesse com febre e delirando, pois com certeza ela gritava bastante com você por causa de sua irremediável preguiça"

- Confesso que você está certo em todos os aspectos, contudo a Mary estava fervilhando...

- Ela não estaria fervilhando se você não houvesse dado motivos para isso.

Após ouvir tudo, caí numa grande gargalhada, e disse para Holmes:

- Holmes, você tem razão, agora tudo parece tão simples!

- Mas isso não é tudo, Watson, ainda vem mais por aí.

- Como assim? - Eu disse sem entender.

- Estou falando de meu cliente que está atravessando a rua nesse momento - disse-me Holmes aproximando-se da janela e afastando a cortina. - Veja como ele está agitado.

De fato o homem estava muito agitado. Da janela de casa eu consegui ver o sujeito do outro lado da rua e olhando os lados para atravessar. Seu estado de nervos parecia tão grande que ele não prestou atenção e quase ia sendo atropelado por um cabriolé se não houvesse se desviado por pouco.

- Nossa, Holmes, - comentei - esse sujeito parece ter uma história e tanto para contar.

- E realmente tem - disse Sherlock Holmes voltando a se sentar. - Agora sente-se também Watson, e continue lendo o jornal, para que ele não desconfie de que o estávamos observando. Se não me engano, é ele que vem aí.

De fato, quando voltei a sentar na poltrona, escutamos passos fortes no andar inferior e, em questão de segundos, o homem batia com força

na porta do apartamento. Quando Holmes abriu, o sujeito foi logo se desculpando:

- Perdão, sr. Holmes, eu não queria chegar aqui de forma tão repentina...

Mal tinha ele terminado de falar, quando a senhora Hudson veio-lhe no encalço e já ia dizer alguma coisa para o sujeito mal educado que entrara de forma tão brusca, quando Holmes a interpelou:

- Pode ficar tranquila, senhora Hudson, este homem é inofensivo.

- Ufa, - disse ela aliviada - pela pressa dele pensei que fosse o Moriarty querendo lhe matar!

- Se fosse meu arquinimigo Moriarty, pode ter certeza de que ele a cumprimentaria tão educadamente, que a senhora não hesitaria em deixá-lo me ver.

Fechando a porta no rosto da senhora Hudson, Holmes voltou-se para o homem agitado e fez questão de convidá-lo a sentar-se. Como o cliente estivesse me olhando como quem diz: "Quem é esse cara daí?", Holmes tratou logo de acalmá-lo:

- Você pode falar comigo à vontade na presença do dr. Watson, sem receios de que ele fique contando sua vida por aí. O máximo que ele pode fazer é publicar um daqueles contos sobre a sua história, mas não precisa ligar, pois ele me exalta tanto em suas narrativas que os leitores nem reparam muito nos coadjuvantes.

Sentindo-se mais tranquilo, o homem sentou-se numa poltrona em frente com a de Holmes, e pôs-se a contar o seu caso.

- Senhor Holmes, faço agora questão de me apresentar. Meu nome é Douglas Heston, e tenho um curioso caso para contar. Ontem estive lá na Scotland Yard conversando com o inspetor Lestrade sobre minha situação, e como ele achasse que fosse algo complicado demais para ele, me garantiu que eu poderia falar com o senhor, que gostava desses assuntos um tanto esquisitos. "Quando ele descobrir o bandido, pode me chamar", ele me disse.

"Tudo começou com vinte cuecas. Sim, quando eu cheguei à Londres, tratei de comprar algumas coisas importantes, dentre elas vinte cuecas. A propósito, elas são muito úteis..."

- Também acho isso, - interrompeu Holmes em tom jocoso - embora o Watson prefira calcinhas.

O homem já me olhava com semblante espantado, quando Holmes emendou:

- Ele prefere calcinhas, mas não nele, obviamente.

- Entendo... - disse o homem embaraçado com aquela interrupção inoportuna de meu amigo.

- Mas por favor, continue a narrativa - disse-lhe Holmes.

- Muito bem - prosseguiu o sr. Heston - eu estava dizendo que tinha comprado vinte cuecas. Há algumas semanas, antes de sair para trabalhar, notei que o número de cuecas havia reduzido para 19.



Mesmo assim, como estivesse atrasado, preferi não perder tempo e vesti uma de minhas cuecas.

"Para meu espanto, no dia seguinte, ao contar novamente minhas cuecas, verifiquei que somente haviam 18! De lá para cá o número de minhas cuecas vem diminuindo, até que ontem, quando sobravam somente duas cuecas, o ladrão somente roubara uma e deixou um bilhete com a frase: 'Na próxima você morre'. Fiquei aterrorizado."

Eu ouvia a narrativa com empolgação, e quando olhei para Holmes, que estava sentado em sua poltrona, percebi que havia deixado seu cachimbo de lado e escutava o cliente com grande concentração.

Quando o sr. Heston terminou sua estranha história, Holmes assim falou, com a maior cara de pau:

- Onde você morava antes de vir para Londres?

- Eu morava nos Estados Unidos - disse-lhe o sr. Heston. - Você acha que isso pode ter alguma ligação com os fatos?

- Talvez não, - disse Holmes, levantando-se - mas sempre acho bom perguntar sobre a vida de meus clientes.

Ao ver o meu amigo colocando seu costumeiro bonezinho de xadrez, eu lhe perguntei sem compreender:

- Holmes, aonde você vai?

- Nós vamos para a casa do sr. Heston - respondeu Holmes.

- Para minha casa? - disse o sr. Heston - Mas ainda nem sabemos quem é o ladrão que pretende me matar!

- Vocês é que ainda não sabem, pois eu já tenho uma teoria. Contudo preciso ir até a cena do crime para confirmá-la.

- Holmes, - eu falei - acho que não posso ir com você, preciso estar hoje à noite em casa, para o jantar de ação de graças com a Mary.

- Ora essa, Watson, não acredito que deixará de aproveitar mais uma daquelas aventuras. Venha conosco, a caça já foi levantada!

- Tudo bem - concordei - mas acho que se vamos sair, você precisará trocar esse roupão!

- Você tem razão - concordou Holmes.

Enquanto Holmes trocava de roupa, o sr. Heston ficou encarregado de chamar uma cabriolé. Quando meu amigo ficou pronto, ele assim me disse:

- Watson, você está com aquele seu tradicional revólver?

- Holmes, mas é somente um ladrão de cuecas!

- Mesmo assim seria bom que sempre tivesse uma arma por perto. A gente nunca sabe o que pode acontecer.

- Pensei que você já soubesse de tudo...

Nesse momento, o sr. Heston chegou para nos avisar que a carruagem já estava à nossa espera. Assim, nós descemos até o térreo, e entramos na carruagem, onde teve início nossa inesperada jornada.

Durante o percurso inteiro, admirei-me com a atitude de Holmes: Enquanto o sr. Heston e eu estávamos preocupados e pensativos quanto ao caso do misterioso ladrão de cuecas, Holmes não parava de

tagarelar, chegando ao cúmulo de perguntar ao sr. Heston qual o seu sabor predileto de sorvete!

- Acho que é morango - respondeu o sr. Heston sem muito ânimo para a conversa animada de meu amigo.

- Ah, é mesmo? - disse Holmes em tom alegre - Prefiro mil vezes chantilly com passas!

Chateado com as palhaçadas de Holmes, não pude deixar de reclamar:

- Sherlock, o que deu em você meu filho? Não seria melhor se falasse sobre o caso importante que nos espera?

- Que mal humor, meu caro Watson! Não vejo motivo para me preocupar com o caso se ainda nem chegamos na cena do crime!

- Então seria melhor ficar em silêncio!

- Ora essa, o silêncio é para os mortos! E falando em cena do crime, acho que já chegamos na casa do sr. Heston.

Graças a Deus finalmente havíamos chegado na casa do sr. Heston, o qual foi descendo de modo tão precipitado da carruagem que, se não fosse meu amigo, ele teria caído no chão.

- Obrigado sr. Holmes - disse um pouco confuso - acho que estar ameaçado de morte já está me fazendo perder o equilíbrio.

Em seguida, ele chamou à porta, vindo sua esposa atender-nos. O sr. Heston nos apresentou, e mencionou que meu amigo viera resolver o insólito problema das cuecas.

- Então você é o famoso Sherlock Holmes? - disse a senhora Heston admirada - Suponho que este seja seu escudeiro fiel, dr. John Watson.

- Isso mesmo - confirmou Holmes.

- Sou fã das suas histórias, sr. Watson! - disse ela voltando-se para mim - O último que li me deixou bastante admirada, foi aquele "O escândalo da Boêmia".

Eu já ia mudando de assunto para que Holmes não percebesse o que ela tinha falado, contudo já era tarde demais: Voltando-se com espanto no rosto, Holmes me disse:

- Watson, você publicou aquela história?

- Holmes, eu...

- Acaso você não sabia que se tratava de um assunto altamente confidencial?

- Mas os leitores gostaram muito da história...

- Diga-nos, sr. Holmes - disse a desatinada senhora Heston - você ainda tem aquela foto da Irene Adler? É verdade que você é apaixonado por aquela bandida?

Sem responder à essas perguntas, Holmes deu meia volta e, dirigindo-se ao sr. Heston, assim falou:

- Diga-me, onde você guarda suas cuecas?

- Eu sempre as guardo em um lugar muito seguro, - disse o sr.

Heston coçando a cabeça com agonia - vou dar uma olhada para ver se consigo me lembrar.

- Elas sempre ficam na primeira gaveta de nosso guarda-roupas! - disse-lhe a senhora Heston.

Percebendo tanto quanto eu o estado de nervos em que seu cliente se achava, Holmes tentou tranquilizá-lo:

- Sr. Heston, sei que você está muito preocupado, mas tente se acalmar um pouco. Vamos para o seu quarto e vejamos onde estão as suas cuecas...

- Mas agora eu só tenho uma cueca, que é a que estou usando! - disse o sr. Heston quase beirando um ataque.

- Tem razão. Neste caso, suponho que você ainda esteja com o bilhete do ladrão.

- Sim, claro que sim, está na gaveta de cuecas.

Nós nos dirigimos para o quarto do sr. Heston e quando já estávamos próximos ao guarda-roupas, escutamos a senhora Heston praguejar em alta voz.

- Maldito seja! - ela dizia - Bem no meio da casa, e logo quando temos visitas!

- Não liguem para ela - disse-nos o sr. Heston - deve estar brigando com nosso gato. Ele é meio traquino, vez ou outra anda aprontando os demônios...

Mal tinha ele terminado de dizer estas palavras quando sua esposa, entrando no quarto, assim lhe disse aborrecida:

- Olhe Douglas, esta é a última vez que lhe aviso, da próxima vez que esse felino quebrar qualquer coisa dentro de minha casa, eu ponho os dois para fora, você e ele!

- Querida - disse seu esposo - eu já disse que poria um fim nisso, mas agora não posso fazer nada, tenho que atender as visitas!

Nessa altura dos acontecimentos, pensei que Sherlock fosse verificar a gaveta ou bilhete com a ameaça, contudo para minha grande surpresa, ele parecia interessado com as travessuras do bichano.

- O que ele quebrou desta vez? - disse, dirigindo-se à senhora Heston.

- Um vaso de porcelana muito caro, - ela respondeu - sem falar nas outras coisas caras que este diabo já destruiu!

- O quê, exatamente?

- Ah, senhor Holmes, a lista é imensa! Já se foram embora vários copos e pratos, sem falar nos quadros e espelhos!

- E de qual forma o senhor colocaria um fim nisso? - Indagou Holmes para o seu cliente.

- Bom, - respondeu o sr. Heston surpreso com a pergunta de meu amigo - várias vezes eu ameacei o gato com rispidez, e cheguei mesmo a jogá-lo pelas alturas.

- Mesmo assim, vejo que ele insiste em continuar com seus maus hábitos.

- Isso mesmo - confirmou sua esposa.



- Vocês já notaram se ele piora a cada vez que é castigado?
- Piora cinco vezes mais! - disse a senhora Heston - Ele nunca aprende o certo.
- Onde este gato costuma passar as noites?
- Nesse ponto eu não me contive mais, e dirigindo-se ao meu amigo, assim lhe disse consternado:
- Holmes, não sei se você percebeu, mas nós já estamos na cena do crime!
- Watson, por favor não me interrompa, - disse-me Holmes seriamente - não percebe que estou levantando hipóteses que possam confirmar minha teoria?
- E para quê esse interrogatório todo? - disse-lhe chateado - Não vai me dizer agora que o culpado é o gato!
- Puxando-me um pouco para o lado, Holmes me falou em tom de quase segredo:
- Watson, você não percebe que estou quase chegando na resposta?
- Estou percebendo que você está quase incriminando um gato que não tem nada a ver com a história!
- Watson, Darwin disse em sua obra que o homem tende a evoluir com o tempo, contudo você parece estar regredindo a cada dia! Como não percebe ainda os fatos que estão bem debaixo de seu nariz? - E, voltando-se para o casal Heston, ele voltou a perguntar: - Onde o bichano costuma ficar pelas noites?

- Na verdade nem sempre sabemos disso - disse o sr. Heston. - Por vezes ele está passeando pelas vizinhanças, ou mesmo entrando em lutas com outros gatos. Chegamos certa vez a encontrá-lo dormindo bem embaixo de nossa cama.

- Ou mesmo dentro das gavetas do guarda-roupas! - Completou a senhora Heston.

- Muito obrigado pelas informações, - disse-lhes Holmes - agora prosseguirei com minhas investigações.

E, dizendo isto, Holmes tirou do bolso sua lente de aumento e começou a observar criteriosamente cada canto daquele quarto, desde as paredes até o chão e o guarda-roupas. Eu sabia que nesses momentos era muito melhor deixá-lo trabalhar sozinho, e juntamente com o casal fiquei a observá-lo em sua caça.

Holmes parecia um cão de caça, que cheirava os objetos e, vez ou outra, rosnava também. Algumas vezes Holmes começava com seus incontidos cacoetes de falar consigo próprio, dizendo coisas do tipo: "Quase lá", ou "Essa não", ou ainda "Como pude ser tão burro?". Ao vê-lo dessa forma, a senhora Heston assim me falou:

- Ele está falando com quem?

- Tenham calma, - eu disse - Holmes sabe o que faz. Ele vê coisas que nós não vemos.

- Ah, - disse a senhora Heston - eu bem que desconfiava que ele tinha um amigo imaginário!



- O que eu quis dizer - eu expliquei - é que Sherlock percebe as pistas antes de qualquer um. Não duvido de que ele já esteja próximo de colocar as mãos no ladrão.

- E quando ele finalmente vai decidir abrir a gaveta de cuecas? - ela interrogou.

- E aqui temos a nossa mensagem - disse-nos Holmes nos mostrando o bilhete que acabara de tirar da gaveta. - diga-nos, doutor, como você suporia o estado clínico da pessoa que escreveu este bilhete?

Examinando as letras trêmulas e garrafais, não tive dúvidas quanto ao estado em que se encontrava o ladrão quando escrevera aquilo.

- Ele, com certeza, estava muito bêbado - falei.

- Ora, Watson, não seja palhaço! - repreendeu-me Holmes - Preste bem atenção e você verá que a pessoa estava mentalmente desequilibrada quando escreveu essas palavras.

- Além de estar fingindo a própria letra, uma vez que ela está tão grande - comentei.

- Eu não diria isso, antes creio que a pessoa que escreveu o bilhete tinha a intenção de que suas letras fossem bem enxergadas por aquele que as leria.

E, voltando-se para o casal, Holmes indagou para o sr. Heston:

- Você costuma organizar as suas roupas frequentemente?

- Na verdade não - confessou o sr. Heston.
- Como não? - disse-lhe sua esposa - Você sempre levanta todas as noites e passa horas dobrando suas roupas.

- Como eu imaginava - disse Holmes satisfeito.
- Sr. Holmes, - contestou o marido - acho que minha esposa está enganada, pois eu passo a noite inteira dormindo!

Sem dizer nada, Holmes tomou nas mãos uma cesta que estava dentro do guarda-roupas em um local que ele acabara de investigar, e todos nos surpreendemos ao ver ali as dezenove cuecas do sr. Heston.

- Minhas cuecas! - disse o sr. Heston feliz - Eu jamais imaginaria que estivessem aí!

- Nem eu - confessou sua esposa - mas quem pode tê-las colocado aí?

- Você mesmo! - disse Sherlock Homes olhando para o sr. Heston.
- Eu?! - ele disse admirado - Mas isso é impossível!
- Isso não só é possível como também é a plena verdade - disse Sherlock Holmes.

"Desde que o vi hoje, notei sua extrema preocupação por haver sido ameaçado de morte. A preocupação é comum nestes casos, contudo não com o grau apresentado por você. A propósito, você está temendo tanto por sua vida que somente hoje o vi quase morrer duas vezes: Uma ao atravessar a rua, e outra ao descer da carruagem.

"Eu já tive a oportunidade de conversar com diversos especialistas em problemas da mente, dentre eles o alemão Alois Alzheimer, que inclusive está prestes a apresentar uma importante descoberta sobre uma doença do córtex cerebral num congresso científico da Alemanha. A mente, meus caros, é mais complexa do que imaginamos, e qualquer anormalidade em seu funcionamento pode ser crucial para a qualidade de vida de um indivíduo.

"Já li uma imensa literatura sensacionalista sobre casos onde indivíduos com suas capacidades mentais alteradas cometiam atos absurdos, que iam desde futilidades, como levantar de noite e percorrer pela casa, até casos bem mais agravados, como assassinar pessoas de forma repetitiva, atos típicos de assassinos em série.

"O sonambulismo, do qual falei inicialmente, pode acontecer até mesmo com criancinhas, mas quando adultos apresentam esse comportamento de maneira frequente, seus gestos e falas revelam isso claramente. Portanto, sr. Heston, tudo em você denunciava seu sonambulismo, desde suas palavras até seu mais simples gesto."

- E qual o motivo certo de eu estar sonâmbulo? - interrogou-lhe o sr. Heston - Como isso está relacionado com o caso das cuecas?

- Elementar, meu caro Heston. Primeiramente vou responder sua última pergunta. Logo que descobri que você era sonâmbulo, tive certeza de que fora você mesmo quem escrevera aquela mensagem, mas ainda assim quis testar minha hipótese.

"Enquanto eu conversava com você na carruagem, notei várias vezes que bocejava e pude notar em seus olhos a marca de uma noite mal dormida. Ao investigar seu quarto, notei tudo muito organizado e poderia supor que seria sua esposa, se eu não houvesse percebido que o padrão das roupas dobradas por ela são bem diferentes. Como eu descobri seu padrão de dobrar roupas? Simples: Hoje, na carruagem, vi a forma cuidadosa como você dobrara seu lenço de nariz, a mesma forma com que suas roupas são dobradas. Já que você disse que não costumava arrumar suas coisas, confirmei sem dúvidas que você é um sonâmbulo.

"Contudo seu sonambulismo é um caso peculiar. Durante o dia você é tão desarrumado que até esquece o lugar onde guarda suas cuecas, contudo de noite dobra todas as roupas com perfeição. Sendo assim, tive certeza de que você próprio mudara o lugar onde guardava suas cuecas, bastando somente encontrar onde."

- Mas e o bilhete? - disse a senhora Heston.

- Isso é um pequeno detalhe, senhora. Seu marido há algum tempo vem ameaçando o bichano malcriado, e todos sabem muito bem que alguém com coragem de jogar um gato pelas alturas é capaz de matá-lo também. Para uma pessoa bem acordada, a melhor forma de ameaçar um gato quando ele faz uma traquinagem é lançá-lo ao ar, porém para um sonâmbulo isso pode ser feito de formas mais estranhas. Ora, se o gato já foi visto dormindo nas gavetas do guarda-roupas, por que não

escrever um bilhete ameaçando-o de morte? Foi exatamente isso que o sr. Heston fez."

- E ele próprio deixou a mensagem ameaçadora na gaveta de cuecas - complementei.

- Exatamente - Holmes concordou - e justamente numa época em que estava mudando suas cuecas de lugar enquanto dormia. Como queria que o gato visse sua mensagem, escreveu com aquelas letras enormes, porém como ainda estivesse dormindo, sua letra saiu tão estranha que nem mesmo você conseguiu reconhecê-la.

Todos ficamos admirados com a explicação de Holmes. Agora que o caso fora decifrado, tudo parecia muito simples. Mais calmo do que quando o vimos, o sr. Heston perguntou para Holmes:

- E como posso ficar curado?

- Ora, o sonambulismo pode ser causado por situações diversas, que exercem pressão emocional sobre o indivíduo. Por exemplo, em seu caso, quem é demitido do emprego.

- O senhor tem razão - confessor o sr. Heston - e nem quero perguntar como você descobriu isso. Mas, de fato, os últimos dias têm sido muito difíceis para mim... Bom, mas mudando de assunto, quanto são os honorários?

Tirando do bolso um pedaço de papel, Holmes escreveu alguma coisa e, entregando o papel para o sr. Heston, ele assim falou:

- Clínica psiquiátrica do dr. Ammons, o endereço está aí. O preço dele é pequeno, e tenho certeza de que se disser que conhece Sherlock Holmes ele fará um bom desconto para você. Nós fomos amigos nos tempos de colégio.

- Muito obrigado, sr. Holmes, - agradeceu ele tomando o papel - mas eu falei dos honorários para o senhor...

- Ora homem, deixe-se disso! - disse meu amigo em tom de brincadeira - seu caso foi um dos mais simples que já resolvi, e gosto de encarar isso tudo como um exercício para meu cérebro, uma mera diversão.

O dia terminara bem. Na volta, Holmes e eu viemos na mesma carruagem, contudo, ao chegarmos na Baker Street somente ele saltou.

- Você não vem, Watson? - disse-me Holmes do lado de fora - Hoje haverá apresentação no teatro, Romeu e Julieta, de Shakespeare!

- Não posso, Holmes, preciso ir para a ceia de ação de graças com a Mary. Fica para a próxima!

- É verdade, você é casado, eu tinha esquecido. É bom mesmo que vá, faça as pazes com ela, e da próxima vez já sabe...

- Sei sim, Holmes, eu limparei o cocô do Frank - falei rindo.

Nós nos despedimos ali e, enquanto minha carruagem se distanciava, pude ver a figura alta e desengonçada de Sherlock Holmes caminhando em direção ao apartamento.



Criado por

Arthur Filipe

Baseado nas histórias de **Sir Arthur Conan Doyle**

Contato

arthur.biologia@hotmail.com